

CENTRO PRESBITERIANO DE PÓS-GRADUAÇÃO

ANDREW JUMPER

TEOLOGIA SISTEMÁTICA

EWERTON BARCELOS TOKASHIKI

A DOCTRINA DA PERSEVERANÇA DOS SANTOS

EM CALVINO

SÃO PAULO

2004

EWERTON BARCELOS TOKASHIKI

A DOCTRINA DA PERSEVERANÇA DOS SANTOS
EM CALVINO

Monografia apresentada ao Rev. João Alves dos Santos M.Th., professor do Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper como parte dos requisitos do módulo Introdução à Teologia de Calvino, para a obtenção do título de Mestre em Teologia Sistemática, com concentração em Dogmática.

SÃO PAULO

2004

SUMÁRIO

Introdução.....	04
A Doutrina da Perseverança dos Santos em Calvino	
Perseverança e Doutrina de Deus.....	06
Perseverança e a Graça de Deus.....	08
Perseverança e a Obra de Cristo.....	09
Perseverança e a Obra do Espírito Santo.....	10
Perseverança e a Responsabilidade Humana.....	12
Perseverança e a Prática Pastoral.....	13
Perseverança e a Piedade.....	15
Conclusão.....	18
Apêndice: A Perseverança dos Santos e os Arminianos.....	20
Referências.....	23

INTRODUÇÃO

Ao estudar a concepção de Calvino acerca da Perseverança dos Santos é necessário verificar se as comuns acusações levantadas contra a doutrina são verdadeiras. Serão analisadas as suas declarações explícitas. Calvino realmente sustentava que os eleitos eram salvos pela sua própria virtude, dispensando a obra externa e interna do Trino Deus? Estando em estado de graça, os eleitos podem viver licenciosamente, pois, “uma vez salvos, salvos para sempre”? Qual é então a responsabilidade do crente se ele será salvo total e finalmente? Como era a abordagem que Calvino fazia da doutrina?

Steve Amato fundador e articulista do site BCBSR, acusa Calvino, em seu comentário de 1 Jo 3:9 de Antinomianismo. Segundo J.I. Packer Antinomianismo “é um nome aplicável a diversas opiniões que têm negado que a lei de Deus na Escritura deve controlar diretamente a vida do cristão” (*Teologia Concisa*, p. 168). Após citar a Confissão de Fé de Westminster (XVII.1-3), Steve Amato conclui “agora, se você ler este terceiro ponto, poderá inferir algo de uma teologia antinomiana. Como também poderá inferir a mesma idéia do comentário de Calvino em 1 Jo 3:9 acerca da queda de Davi” (www.bcbsr.com/topics/calvantip.html consultado em 19/11/2004). É possível através das declarações de Calvino provar esta inverdade. Na exposição do Decálogo ele reclama a necessidade do cristão obedecer a lei moral.

R.T. Kendall em seu livro *Once Saved, Always Saved* declarou “eu afirmo categoricamente que a pessoa que é salva, ‘que confessa que Jesus é Senhor e crê no seu coração

que Deus o ressuscitou dentre os mortos’, vai para o céu quando morrer, não importando que obras (ou falta de obras) possam acompanhar tal fé. Em outras palavras, não importa que pecado (ou ausência de obediência cristã) possa acompanhar tal fé” (citado em por Paulo Anglada em *Fides Reformata* vol. III, no.2, p. 9). Calvino poderia acompanhar o raciocínio de Kendall neste ponto? Ensinou uma perseverança sem santificação? Tanto nas Institutas como nos seus comentários bíblicos mantém coerente a tese de que sem uma vida piedosa é impossível glorificar a Deus.

O corpo do trabalho se dividirá em tópicos de relação. Qual a relação coerente da doutrina da Perseverança dos Santos e outros tópicos doutrinários. Assim é possível analisar o pensamento de Calvino, em suas premissas e conclusões em relação à doutrina.

Método de citação das Institutas. Como diferem alguns parágrafos a edição espanhola da inglesa será mencionando, não apenas a divisão tradicional de livro, capítulo e parágrafo, como também a página. O texto usado na monografia foi a tradução Cipriano Valera de 1597, revisada em 1967, 4ª edição inalterada de 1994.

João Calvino expôs com clareza e coerência a doutrina da Perseverança dos Santos. Isso pode ser provado em sua obra magna, As Institutas da Religião Cristã, em seus comentários, catecismos, cartas e sermões que foram preservados. Tanto essa como as demais doutrinas da graça foram ensinadas e defendidas por ele com tanta veemência, clareza e profundidade, que seu nome foi emprestado a elas, tornando-se sinônimo de Calvinismo.

A DOCTRINA DA PERSEVERANÇA DOS SANTOS EM CALVINO

Deve-se notar que Calvino denominava esta doutrina de “Perseverança Final” e não “Perseverança dos Santos”. Não há nenhum motivo teológico para a preferência, apenas histórico. O segundo termo somente foi usado após a morte de Calvino. O primeiro nome da doutrina era mais usual entre os teólogos da reforma. Como também não se encontra nas Institutas Calvino chamando a doutrina de “Segurança Eterna” como o fazem alguns dos teólogos modernos.

PERSEVERANÇA E DOCTRINA DE DEUS

A premissa reguladora da doutrina da Perseverança dos Santos é sustentada por Calvino. Os santos perseveram porque Deus os preserva pelo seu poder. O reformador declara que “Deus começa a sua obra em nós inspirando em nosso coração o amor e o desejo da justiça; ou, para falar com maior coerência, inclinando, formando e encaminhando nosso coração para a justiça; mas aperfeiçoa e completa a sua obra, nos confirmando para que perseveremos” (*Institución* II.3.6, p. 203).

A Perseverança dos Santos é compreendida no decreto da predestinação. Os eleitos não foram determinados para experimentarem a salvação de forma temporária e insegura. Mas são destinados à vida eterna. Calvino em sua definição de predestinação diz que é “o eterno decreto

de Deus, por meio do qual determinou o que quer fazer de cada um dos homens. Porque Ele não criou a todos com a mesma condição, mas que ordena uns para a vida eterna, e a outros para a condenação perpétua” (*Institución* III.21.5, pp. 728-729). Em outro lugar ele declara que “ensinamos que a vocação dos eleitos é um testemunho de sua eleição; e que a justificação é outra marca e nota disto, até que entrem para gozar da glória, na qual consiste o seu cumprimento” (*Institución* III. 21.7, p. 733).

Somente pelo poder de Deus que os eleitos perseveram em sua salvação. Aqueles que experimentam do Evangelho e são beneficiados por ele, mas não transformados pela obra regeneradora do Espírito, logo abandonam a brevidade do seu entusiasmo religioso, manifestando a sua real natureza espiritual. Avaliando que alguns não permanecem no Evangelho, Calvino conclui “e não há outra explicação de que alguns perseverem até o fim, e outros desfaleçam na metade do caminho. Porque a perseverança é dom de Deus, que não dá a todos indistintamente, mas somente a quem lhe apraz. E se perguntar qual a causa desta diferenciação, que alguns perseveram e outros são inconstantes, somente se poderá responder que Deus sustenta com seu poder aos primeiros para que não pereçam, mas que aos outros não lhes dá a mesma força e vigor; e isto, porque quer mostrar neles um exemplo da inconstância humana” (*Institución* II.5.3, p. 222).

Em seus comentários pode-se perceber como este teólogo fiel ao seu princípio de Sola Scriptura produz uma consistente teologia bíblica. Por exemplo, o texto de Hebreus 6:4 onde geralmente, os Arminianos usam para defender a perda da salvação, ele concede a seguinte interpretação “os eleitos se acham fora do perigo de apostasia final, porquanto o Pai que lhes deu Cristo, seu Filho, para que sejam por ele preservados, é maior do que todos, e Cristo promete [Jo 17:12] que cuidará de todos eles, a fim de que nenhum deles venha a perecer” (João Calvino, *Exposição de Hebreus*, p. 153).

Na exposição de Romanos 8:35 Calvino exorta que “devemos permanecer firmes na confiança de que Deus, que uma vez por todas um dia nos envolveu em seu amor, jamais deixará de cuidar de nós” (João Calvino, *Exposição de Romanos*, p. 305).

Não é o falso ensino nem a fragilidade da fé que podem levar o salvo para apostasia final. Comentando 1 Pe 1:5 ele afirma que “e, de fato, vemos que sob o Papado uma diabólica opinião prevalece, que somos obrigados a duvidar de nossa perseverança final, pois somos incertos de que se poderemos estar amanhã em algum estado de graça. Mas, Pedro não nos conduz em suspense, pois ele testifica que somos mantidos pelo poder de Deus, a fim de que nenhuma dúvida surja de uma consciência de nossa própria fraqueza, que pudesse inquietar-nos. Por mais fracos que possamos ser, nossa salvação não é incerta, pois ela é sustentada pelo poder de Deus. Assim, somos iniciados pela fé, e a própria fé recebe a sua estabilidade do poder de Deus. Conseqüentemente é sua segurança, não apenas para o presente, mas também para o futuro” (John Calvin, *in loci*, The Works of John Calvin.in: Ages Digital Library).

Deus o Pai tem o propósito de salvar-nos total e finalmente em santidade. Comentando 1 Coríntios 1:8, Calvino diz “em suas Epístolas aos Efésios e Colossences ele ensina que este é o fim de nossa vocação – que podemos aparecer puros e irrepreensíveis na presença de Cristo” (John Calvin, *in loci*, The Works of John Calvin.in: Ages Digital Library).

PERSEVERANÇA E A GRAÇA DE DEUS

A Perseverança dos Santos não deve em nada ser atribuída ao mérito humano. A eficácia da intercessão de Cristo pelos eleitos para que sejam preservados em estado de graça, não depende da justiça dos salvos, mas somente dos méritos do redentor. Calvino observa que “não deveria se duvidar absolutamente de que a perseverança é um dom gratuito de Deus, se não houvesse se propagado entre os homens a falsa opinião de que lhes é dispensado a cada um

conforme os seus méritos; ou seja, conforme demonstrem não ser ingratos a primeira graça” (*Institución* II.3.11, p. 210).

Calvino nas Institutas (II.3) avalia o conceito escolástico da primeira e da segunda graça. Esta abordagem semi-pelagiana da doutrina da graça ensina que o ser humano afetado pelo pecado recebe a primeira graça, que é a conversão, e se ele a receber e fizer merecido uso dela, então lhe será concedido a segunda graça, que é de ser finalmente salvo. A conclusão de Calvino acerca da doutrina escolástica da primeira e segunda graça é negativa. Abertamente declara que “pela gratuita misericórdia de Deus a vontade é convertida ao bem, e convertida, persevera nele. Que, quando a vontade do homem é guiada ao bem, e que, depois de ser encaminhada, seja também constante nele, tudo isto depende unicamente da vontade de Deus, e não de algum mérito seu” (*Institución* II.3.14, p. 213).

PERSEVERANÇA E A OBRA DE CRISTO

Para Calvino os méritos na intercessão de Cristo é a garantia diante do Pai para obter a segurança para os seus eleitos. Ele declara que “o próprio Jesus Cristo, quando ora pelos eleitos, não há dúvida de que em sua oração faz o mesmo pedido que fez por são Pedro; a saber, que sua fé não falte (Lc 22:32). Disto, concluímos que estão fora de todo perigo de apartarem-se, por completo, de Deus, sendo que ao Filho de Deus, não lhe foi negada a sua petição, de que seus fiéis perseverassem sempre constantes” (*Institución*, III.24.6, p.769).

A Expição Limitada ensinada por Calvino encontra eco na doutrina da Perseverança dos Santos. Ao comentar acerca da doação da fé, Calvino observa que “somente aos eleitos outorga a mercê de plantar a fé viva em seus corações para que perseverem até o fim” (*Institución* III.2.11, p. 416).

Ao comentar a passagem de Jo 6:39, Calvino aponta para a mediação de Cristo como uma obra permanente. “Que ele não é o guardião de nossa alma apenas por um dia” observa Calvino “ou por poucos dias, mas ele tomará cuidado dela até o fim, de modo que ele nos conduzirá, como tem sido, do começo ao término da nossa jornada; e por isso, ele menciona a última ressurreição” (John Calvin, *in loci*, The Works of John Calvin.in: Ages Digital Library).

Cristo na metáfora do “bom pastor” ilustra o seu cuidado pelos seus eleitos. Calvino comentando Jo 10:28 declara que “é um fruto inestimável da fé, que Cristo nos convence de nossa segurança, quando somos conduzidos pela fé ao seu redil. Mas também podemos observar sobre que fundamento a nossa certeza descansa. Porque ele será o fiel guardião de nossa salvação, pois testifica que nossa salvação está em sua mão. E se isto não for suficiente, ele diz que serão salvos e guardados pelo poder de *seu Pai*. Essa é uma passagem marcante, que nos ensina que a salvação de todos os eleitos é tão certa quanto o poder de Deus é invencível” (John Calvin, *in loci*, The Works of John Calvin.in: Ages Digital Library).

Calvino compreende a implicação de se negar a expiação de Cristo pelos seus eleitos. No seu comentário de Romanos 8:34 observa “se alguém desejar condenar-nos, terá não só que invalidar a morte de Cristo, como terá também que lutar contra o incomparável poder com o qual o Pai honrou ao Filho e com o qual conferiu-lhe soberana autoridade” (João Calvino, *Exposição de Romanos*, p.303).

PERSEVERANÇA E A OBRA DO ESPÍRITO SANTO

Calvino é conhecido como o “teólogo do Espírito Santo”. O Dr Augustus Nicodemus afirma que “Calvino integrou indissolavelmente a doutrina do Espírito Santo aos demais temas e áreas da teologia, como regeneração, santificação, os meios de graça, e o conhecimento de Deus, entre outros. A pneumatologia de Calvino, igualmente, abrangia e permeava todos os demais

departamentos da Enciclopédia Teológica. Sua teologia é uma unidade orgânica, onde o Espírito aparece apropriadamente como o soberano Dinamizador” (Augustus Nicodemus Lopes, *Calvino o Teólogo do Espírito Santo*, p. 5).

A obra da regeneração é irreversível. Não existe na concepção de Calvino uma corrupção da regeneração. Sua convicção é que “Deus regenera para sempre com a semente incorruptível unicamente nos eleitos, e não permite que este germe de vida que Ele semeou em seu corações jamais pereça, e de igual modo sela tão firmemente neles a graça de sua adoção, que permanece irremovível” (*Institución* III.2.11, pp. 415-416). Assim também conclui que “o chamamento eficaz implica na perseverança final” (*Intitución* III.24.6, p. 768).

A declaração formal da obra do Espírito Santo na perseverança dos verdadeiros crentes pode ser lida na *Confissão Para a Igreja de Paris* (1557). Esta confissão antecedeu a Confissão Francesa (1559). Na primeira confissão Calvino escreve que “cremos que é pela fé somente que somos feitos participantes desta justiça, e que também somos iluminados com fé pela secreta graça do Espírito Santo [compreendendo que eles são eleitos em Cristo], de modo que ela é um dom livre e especial que Deus concede àqueles a quem quer bem, e que não somente os põem no caminho correto, mas também os motiva a que continuem nele até o fim” (*Confissão Para a Igreja de Paris* in: B.B. Warfield, *Studies in Theology*, p. 195).

No comentário do Salmo 73:23, Calvino declara o papel do Espírito na preservação dos eleitos. Ele diz “a razão de não sucumbirmos, mesmo entre os severos conflitos, nada mais é que, recebemos o cuidado do Espírito Santo. Realmente, Ele nem sempre põe sobre nós o seu poder de um modo evidente e notável, (pois Ele nos aperfeiçoa em nossa fraqueza), mas é suficiente que Ele nos socorra, ainda que sejamos ignorantes e inconscientes disto, que Ele nos sustenta quando nos humilhamos, e ainda nos levanta quando caímos” (John Calvin, *in loci*, *The Works of John Calvin*.in: Ages Digital Library).

Ao comentar Efésios 1:14 Calvino interpreta que “o Espírito, pois, é o penhor de nossa herança, ou seja: a vida eterna; para a redenção, ou seja: até ao dia em que a redenção se plenifique. Enquanto vivemos neste mundo, necessitamos de um penhor, porque combatemos em esperança; mas quando a possessão mesma se manifestar, então cessará a necessidade e o uso do penhor” (João Calvino, *Exposição de Efésios*, p. 37).

PERSEVERANÇA E A RESPONSABILIDADE HUMANA

A opinião de Calvino é monergista em sua soteriologia. Mas o seu monergismo não anula a responsabilidade humana. Calvino afirma que “o Senhor começa e completa a boa obra em nós; enquanto que a sua graça incita a nossa vontade para amar o que é bom e apegar-se a ele, a querer buscá-lo e entregar-se a ele; e, que este amor, desejo e esforço não desfaleçam, mas que durem até concluir a obra; e, finalmente, que o homem prossiga constantemente na busca do bem e persevere nele até o fim” (*Institución*, II.3.9, p. 208). Em outro lugar ele novamente observa que “pelo poder de Deus somos reduzidos a obedecer à justiça, voluntariamente continuamos seguindo a graça, então, não me oponho, porque é assunto bem esclarecido que onde reina a graça de Deus há tal prontidão em obedecer” (*Institución* II.3.11, p. 211).

Calvino dentro do princípio de que “Deus opera em nós tanto o querer como o realizar,” comenta algumas passagens bíblicas de exortação. Ele deduz que Deus “manda e dá o obedecer e o perseverar. A segunda classe de mandamentos que temos mencionado não oferece dificuldade; são aqueles em que nos manda honrar a Deus, servir-lhe, viver conforme a sua vontade, fazer o que Ele ordena, e professar a sua doutrina. Mas, há muitos lugares em que se afirma que toda justiça, santidade e piedade que há em nós são dom gratuito seu” (*Institución* II.5.8, p. 227).

Comentando o versículo 24 de Judas, Calvino conclui sobre o valor do esforço humano em relação ao auxílio de Deus. Ele observa que Judas “termina sua Epistola com uma adoração a

Deus; pela qual ele mostra que nossas exortações e labores nada podem, exceto se o poder de Deus estiver acompanhando-os” (John Calvin, *in loci*, The Works of John Calvin.in: Ages Digital Library).

PERSEVERANÇA E A PRÁTICA PASTORAL

Ao ensinar a doutrina da Perseverança Calvino não possuía um propósito de levantar controvérsias. Estas surgiram por causa dos seus opositores. Calvino escrevia com o intuito de doutrinar as ovelhas de Cristo. Esta era a sua vocação. Antes que ser controverso, Calvino era pastoral. J.I. Packer questiona o “porquê nas *Institutio* Calvino trata da predestinação e eleição, não no Livro I, onde manuseia acerca da soberania divina na criação e providência, mas, apenas no fim do Livro III, depois de estudar acerca do Evangelho e da Vida Cristã? A razão parece ser que, ele procurou apresentar o tema no mesmo contexto evangélico em que ele aparece em Romanos. Assim, ele entra em 8:29, não com algum propósito controverso, mas para encorajar o povo de Deus, assegurando-lhes que, do mesmo modo que a sua justificação e chamado procedem da livre graça, assim também, o gracioso propósito de Deus se manterá, e eles serão preservados até o fim” (J.I. Packer, “Calvin the Theologian” in: *John Calvin*, texto fornecido no módulo Introdução à Teologia de Calvino, p. 161).

Em suas cartas o seu caráter tanto estadista, como pastoral é revelado. O historiador batista Timothy George observa que “o alcance internacional da teologia de Calvino e a extensão de sua influência pessoal podem ser captados apenas observando suas cartas” (Timothy George, *Teologia dos Reformadores*, p. 188). Numa carta a uma nobre francesa conhecida como Condessa de Seninghen, enquanto esta se encontrava muito enferma, Calvino lhe escreve para animá-la em sua fé apontando a certeza duma salvação completa e final. O reformador genebrino escreve “fui informado [...] de que você está fraca e afligida por muitas doenças, das quais

também tenho minha porção para me atormentar da mesma maneira. Mas, seja como for, temos um grande motivo de satisfação, pois em nossa debilidade somos apoiados pelo poder do Espírito de Deus, e, mais, se esse tabernáculo corruptível se desfizer, sabemos que logo seremos restaurados, de uma vez e para sempre” (citado em *Teologia dos Reformadores*, p. 210).

Calvino teve uma vida atribulada. Inimigos católicos difamando-o. Opositores libertinos perturbando-o. Consistório nem sempre o apoiando. Enfermidades diversas desgastando-o. Por experiência ele sabia o que era ser entregue a morte o dia todo (Rm 8:36). Mesmo assim pode declarar que “o terror da morte está longe de ser uma razão para nossa apostasia, que é quase sempre a porção dos servos de Deus ter a morte diante de seus olhos” (João Calvino, *Exposição de Romanos*, p. 307). Embora expondo com fidelidade exegética o texto de Hebreus pôde fazê-lo como desabafo de um frágil servo nas poderosas mãos de seu Senhor. Seu comentário não é produzido numa torre de marfim. Mas de alguém que luta e participa dos sofrimentos dos seus cooperadores. Calvino constantemente usa o pronome “nós” nesta exposição. Suas fraquezas e suas convicções são compartilhadas com os demais quando diz “certamente que, enquanto peregrinamos neste mundo, não temos terra firme onde pisar, senão que somos lançados de um lado a outro como se estivéssemos em meio a um oceano atingido por devastadora tormenta. O diabo jamais cessa de mover incontáveis tempestades, as quais imediatamente fariam soçobrar e submergir nossa embarcação, se não lançássemos nossa âncora, com firmeza, nas profundezas. Olhamos, e não há nenhum porto que nossos olhos alcancem, senão que, em qualquer direção que voltamos nossa vista, a única coisa que divisamos é água; na verdade, só vemos ondas que se amontoam e nos ameaçam. Mas assim como uma âncora é lançada no vazio das águas, a um lugar escuro e oculto, e se encontra exposta ao sabor das ondas, agora segura em sua posição para que não submerja, assim também nossa esperança está firmada no Deus invisível. Mas há uma diferença, a saber: uma âncora é lançada ao mar porque existe solo firme no fundo, enquanto que

nossa esperança sobe e flutua nas alturas, porquanto ela não encontra nada em que se firmar neste mundo. Ela não pode repousar nas coisas criadas, senão que encontra seu repouso no Deus vivo. Assim como o cabo, ao qual a âncora se encontra presa, mantém o navio seguro ao solo de um profundo e escuro abismo, também a verdade de Deus é uma corrente que nos mantém jungidos a ele, de modo que nenhuma distância de lugar e nenhuma escuridão podem impedir-nos de aderir a ele. Quando nos sentimos jungidos assim a Deus, mesmo que tenhamos de enfrentar as constantes tempestades, estaremos a salvos do perigo de naufrágio. Eis a razão por que o autor nos diz que a âncora é uma esperança *segura e firme*. É possível que uma âncora se quebre, ou que um cabo se rompa, ou que um navio se faça em pedaços pelo impacto das ondas. Isso sempre sucede no mar. Mas o poder de Deus, que nos protege, é algo completamente distinto, bem como também é a força da esperança e a inabalabilidade de sua Palavra” (João Calvino, *Exposição de Hebreus*, pp. 171-172) .

PERSEVERANÇA E PIEDADE

Uma preocupação constante em Calvino é o tema da piedade. Em tom bem claro Calvino afirma “o fim de nossa eleição é viver de modo santo” (*Institución* III.23.12, p. 758). A Perseverança Final passou a ser, preferencialmente, chamada de Perseverança dos Santos, para que se enfatizasse não somente uma salvação total e final, mas também em santidade.

Na primeira edição das *Institutas* (1535), quando este ainda era um pequeno livro de bolso, Calvino já afirmava inconfundivelmente a doutrina da perseverança dos eleitos de Deus. Ao explicar acerca da “certeza da salvação” ele declara “possuindo a Cristo pela fé, possuímos também a vida nele, não temos por quê investigar por mais tempo o conselho eterno de Deus; pois, Cristo não é tão somente um espelho em que nele nos é apresentada a vontade de Deus, mas

uma garantia pela qual essa vontade de Deus nos é selada e confirmada” (Juan Calvino, *Breve Instrucción Cristiana*, p.37).

Ainda neste mesmo livro ao comentar sobre “A Oração”, ele conclui “com efeito, ainda que tudo nos falte, Deus jamais nos abandonará, pois não pode frustrar a espera e a paciência daqueles que são seus; e Ele somente substituirá a todas as coisas, já que, possuí em si mesmo todos os bens, o qual nos revelará totalmente no futuro” (Juan Calvino, *Breve Instrucción Cristiana*, p.67).

A acusação de que o Calvinismo induz a licenciosidade deve ser rejeitada com base nas evidências. Seeberg observa que “se percebe a injustiça da acusação, dirigidas tantas vezes contra Calvino, de que esta doutrina conduz a indiferença moral. Deus opera eficazmente nos predestinados para a sua santificação, de modo que a predestinação é o estímulo mais poderoso para uma vida nova” (Reinhold Seeberg, *Manual de História de la Doctrinas*, vol. 2, p. 394, nota 36). O próprio Calvino preocupa-se em responder as acusações nas edições revisadas das Institutas. Ele o diz “se o fim e a meta da eleição é a santidade de vida, ela deve melhor despertar e estimular-nos a empenharmos alegremente na santidade, e não buscar pretextos para encobrir nossa preguiça e descuido” (*Institución III. 23.12*, p. 759).

Na concepção de Calvino ser um dos eleitos e ter a garantia de que nunca perder a salvação não é motivo para o orgulho. Não há mérito pessoal em perseverar na graça. Calvino menciona que “mediante uma confiança humilde o crente se assegura de que perseverará” (*Institución III.24.7*, p.769).

Em uma de suas últimas cartas ao velho e fiel amigo William Farel disse em tom de despedida, aquilo que ele em toda a sua vida ensinou, como exímio mestre, agora testemunha como alguém que espera o cumprimento de suas convicções, declarando “visto que é da vontade de Deus que você viva mais que eu no mundo, viva ciente de nossa intimidade, a qual, tendo sido

útil para a igreja de Deus, tem seus frutos esperando-nos no céu. [...] É suficiente para mim viver e morrer para Cristo, que é, para todos os seus seguidores, um ganho tanto na vida quanto na morte” (citado em Timothy George, *Teologia dos Reformadores*, p. 246).

CONCLUSÃO

Não seria exagero afirmarmos que esta doutrina se encontra implícita ou explicitamente em todos os escritos de Calvino.

Não nega a necessidade da obediência e submissão às Escrituras. A falsa acusação de Steve Amato não encontra fundamento frente as evidências.

Não nega a necessidade da santidade como cumprimento e confirmação da eleição. A distorcida conclusão de Kendall não reflete a real concepção de Calvino da Perseverança dos Santos.

Para Calvino a perseverança dos eleitos em salvação depende principalmente da obra do Trino Deus. Da eleição, do poder e do propósito que reflete os atributos de Deus. Da intercessão de Cristo baseada nos seus méritos. Na obra regenerada, santificadora do Espírito adotando filhos e dirigindo-os à presença do Pai.

Embora a sua opinião seja monergista, não anula a responsabilidade dos eleitos de perseverar em santidade. Seu princípio bíblico “Deus opera tanto o querer como o realizar” influencia a relação Deus e os homens. Toda virtude é dom gratuito de Deus. Deus mesmo implanta, desperta nos eleitos através da operação secreta do Espírito, mas também exorta através de sua Palavra.

Sua preocupação pastoral, em exortar os crentes a confiar em Cristo baseia-se na fidelidade de Deus. Deus não muda, nem fracassa em seus propósitos. Ele determinou amar os seus eleitos. Por isso, eles podem descansar nas suas dores e em sua morte nessa confiança.

APÊNDICE

A PERSEVERANÇA DOS SANTOS E OS ARMINIANOS

A doutrina da Perseverança dos Santos após Calvino teve que ser estudada com mais exatidão pelos calvinistas. O Sínodo de Dordrecht reuniu-se rejeitando a proposta dos Remonstrantes, e produzindo os Cânones de Dort. A reunião ocorreu na cidade holandesa de Dordrecht, daí a origem do seu nome, entre 13 de novembro de 1618 a 9 de maio de 1619, durando a realização do concílio cento e cinquenta e quatro sessões (Homer C. Hoeksema, *The Voice of Our Fathers*, pp. 17-29).

Jacobus Arminius (1560-1609) rejeitando a posição calvinista da Igreja Reformada dos Estados Gerais dos Países Baixos, que adotava como símbolos de fé a Confissão Belga e o Catecismo de Heidelberg, propôs uma forma refinada de “semi-pelagianismo”. Todavia, Arminius sustentava a crença na Perseverança Final. R.K. Gregor Wright observa que Arminius “continuou até a crer na segurança eterna dos santos, embora este último aspecto do calvinismo tenha sido abandonado pelos seus seguidores entre os Remonstrantes, poucos anos após a sua morte, enquanto procuravam desenvolver uma teologia mais consistente sobre a graça universal” (in: R.K. Gregor Wright, *A Soberania Banida*, p. 31).

O grupo liderado por Arminius não admitia a limitação confessional. O partido fortaleceu-se tendo simpatizantes de suas opiniões dentre alguns dos representantes do parlamento holandês.

Arminius falece em 1609. No ano seguinte o partido Remonstrante apresentaria um documento chamado *Articuli Arminiani sive Remonstrantia* exibindo formalmente as suas convicções teológicas. O documento no quinto artigo para tornar mais coerente a sua teologia sinergista negaria a doutrina da Perseverança Final. Foram julgados e condenados pelo Sínodo de Dortrecht.

Segue a citação apenas do último artigo dos Remonstrantes.

Aqueles que foram incorporados em Cristo pela fé verdadeira, e que assim tornaram-se participantes da vida concedida pelo Espírito, tendo assim, sido dotados de pleno poder para resistir a Satanás, o pecado, o mundo e sua própria carne, para obter sempre a vitória; e isto, sempre bem entendido, através do auxílio da graça do Espírito; sendo que, Jesus Cristo os assiste por meio do seu Espírito em todas as tentações, estendendo-lhes as suas mãos (se eles estiverem preparados para a tentação, e se desejarem o seu auxílio, e se não forem negligentes), [Cristo] os estimula e manterá, de modo que não caiam, nem pela artimanha, nem pelo poder de Satanás sejam desencaminhados, nem arrancados das mãos de Cristo, conforme a Palavra de Cristo em Jo 10:28 “ninguém os arrebatará de minha mão”. Não obstante, se eles podem ser capazes de, por preguiça ou negligência, de abandonar o início de sua vida em Cristo, e de retornar ao presente mundo mal, de modo a deixarem a sã doutrina que, de uma vez por todas lhes foi entregue, de perderem a sua boa consciência, e de se tornarem decaídos da graça. Que este assunto seja uma diligente pesquisa extraída das Escrituras Sagradas, antes que possamos pelo nosso próprio ensino, persuadir plenamente suas mentes com maior certeza (in: Phillip Schaff, *The Creeds of Christendom: Evangelical Creeds*, vol. 3, pp. 548-549).

Deve-se notar que, embora o artigo possua uma linguagem bíblica, a sua real preocupação é ensinar o Arminianismo. A insistente tese do Arminianismo é de que o ser humano ainda é capaz de exercer livremente uma capacidade que, de forma auto-determinante, define o seu destino. Esta capacidade é chamada “livre arbítrio”. Segundo os Arminianos, pelo simples exercício do seu livre arbítrio, o ser humano determina o seu estado espiritual. Determina rejeitar e frustrar, ou aceitar o soberano propósito de Deus. Deus depende do livre arbítrio humano para poder agir. Logo, quando este pressuposto é aplicado à doutrina da Perseverança dos Santos, percebemos que os Arminianos são levados, por coerência, a negar a permanência na graça. Pois, se o ser humano é capaz, de modo auto-determinante, de resistir ou permitir-se ser influenciado pela graça, também pode ser capaz de mesmo depois de tê-la recebido, novamente desprezá-la, e assim decair da graça, e perder total e finalmente a sua salvação.

O pressuposto orientador do Calvinismo é que Deus é absolutamente soberano. Aplicando este princípio a doutrina da Perseverança dos Santos, entendemos que eles permanecem em estado de graça, porque Deus os preserva. Deus preserva imutável o seu eterno propósito (Rm 8:28), iniciando na predestinação e findando na glorificação (Rm 8:30). Pois “aquele que começou a boa obra em vós há de completá-la até ao Dia de Cristo Jesus” (Fp 1:6).

REFERÊNCIAS

- John Calvin, *The Works of John Calvin*.in: Ages Digital Library CD-Room, 1997.
- Juan Calvino, *Institución de la Religión Cristiana*, Rijswijk, FELiRé, 1994, 2 vols.
- Juan Calvino, *Breve Instrucción Cristiana*, Rijswijk, FELiRé, 1996.
- João Calvino, *Exposição de Romanos*, São Paulo, Edições Paracletos, 1997.
- João Calvino, *Exposição de Efésios*, São Paulo, Edições Paracletos, 1998.
- João Calvino, *Exposição de Hebreus*, São Paulo, Edições Paracletos, 1997.
- Reinhold Seeberg, *Manual de História de las Doctrinas*, Casa Bautista de Publicaciones, 1967, vol. 2.
- Timothy George, *Teologia dos Reformadores*, São Paulo, Edições Vida Nova, 1993.
- Homer C. Hoeksema, *The Voice of Our Fathers*, Reformed Free Publishing Association, 1980.
- R.K. Gregor Wright, *A Soberania Banida*, São Paulo, Editora Cultura Cristã, 1998.
- Phillip Schaff, *The Creeds of Christendom: Evangelical Creeds* (Grand Rapids, Baker Book House, 1969) vol. 3.
- Augustus Nicodemus Lopes, *Calvino o Teólogo do Espírito Santo*, São Paulo, PES, s./d.
- B.B. Warfield, *Studies in Theology* in: The Works of B.B. Warfield, Grand Rapids, Baker Books, 2003, vol. 9.
- J.I. Packer, *Teologia Concisa*, São Paulo, Editora Cultura Cristã, 1999).
- www.bcbsr.com/topics/calvantip.html
- Fides Reformata*, vol.III, Número 2, Julho-Dezembro 1998.